

XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

Atravessamentos feministas na trajetória de vida

Helena Rachel da Mota Araujo¹ 

RESUMO

Em uma mesa redonda protagonizada por quatro mulheres, dentre as quais fui uma, nós falamos sobre como “As contribuições dos estudos étnicos e raciais para o debate sobre Feminismos negros e sexualidade”. Nessa vertente e considerando aspectos do feminismo negro, falei sobre minha história e como para algumas pessoas, torna-se negra pode demorar tanto quanto o tempo de uma autopercepção. Que está intrelaçada possibilidade de discursar sobre si e se vê protagonista de sua própria história. Enveredei sobre mim, agora como mulher negra autopercebida e a questão da ascensão social, e em qual espaço ou quais espaços agora me encontro. Por fim, voltei-me para a questão da sexualidade, principalmente do ponto de vista do feminismo negro, o acolhimento, o amor e a necessidade de maior aproximação com corpos e identidades de gênero inconformes.

Palavras-chave: Amor. Feminismo negro. Interseccionalidade.

Introdução

As ideias discutidas no presente estudo, são um aprofundamento da minha fala durante a mesa redonda “As contribuições dos estudos étnicos e raciais para o debate sobre Feminismos negros e sexualidade” ocorrida durante o XX Encontro de Combate à Discriminação Étnica e o X Seminário do Programa de Pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC/ODEERE) na

¹ Doutora em Diversidade Animal pelo Programa de Pós-graduação em Biodiversidade e Evolução (PPGBIOEVO) da Universidade Federal da Bahia (2021). Possui Mestrado em Diversidade Animal (2013) pela mesma instituição, bem como Licenciatura em Ciências Biológicas (2010). Atualmente é professora de magistério superior da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Campus Jequié, onde coordena o Núcleo de Estudos em Biodiversidade, Gênero e Interseccionalidades (NEBioGIn), o Laboratório de Fisiologia Animal e Metabolismo Ambiental (LAFAMA) e o Núcleo de Estudos da Natureza (NEN). É integrante da Rede Kunhã Asé de Mulheres na Ciência e colaboradora do Laboratório de Fisiologia Animal (LAFISA) da UFBA e do Laboratório de Biodiversidade no Antropoceno (BIODIVA). Desenvolve trabalhos relacionados ensino de biologia e ciências, fisiologia e morfologia animal, ecofisiologia, metabolismo, mudanças climáticas e no âmbito da discussão sobre disparidade de gênero e suas interseccionalidades.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB – Jequié). Naquele momento, em que dividia a mesa com três pensadoras negras a Dra. Núbia Regina Moreira, a Msc. Silvana Santos Bispo e a Msc. Dailza Araujo Lopes me encontrei em um espaço de representatividade do que parte do feminismo negro se fundamenta: mulheres falando como suas vidas e formas de pensar se entrelaçam compondo seu ser. Como formas de sentir e de si relacionar estão impregnadas no fazer científico, desconstruindo um mito de imparcialidade, propagado pelo falacioso pensamento histórico de que a produção do conhecimento científico, dentro dos espaços acadêmicos, se construía e se constrói de forma neutra.

Assim, os estudos étnicos e raciais, o feminismo negro e as discussões sobre sexualidade, vão escancarar a necessidade de se analisar profundamente pessoas, espaços, sistemas e reverberar vozes que foram silenciadas, invizibilizadas e apagadas em um processo histórico de exclusão. Na minha fala durante o evento, pontuei algumas questões sobre a minha história, que apenas realmente tive consciência a partir dos estudos étnicos e raciais e do contato com o feminismo negro. Trago aqui como uma base fundamental as autoras Lélia Gonzalez (2005, 2020), Neusa Santos Souza (2021), Beatriz Nascimento (2021), Sueli Carneiro (2023) e bell hooks (2025) para direcionar as discussões das principais ideias a serem abordadas no texto.

Saber-se negra, tornar-se negra

O meu processo de existência como pessoa, a qual se tem consciência de quem se é, a qual como diria Neusa Santos Souza (2021, p.45), consegue discursar sobre si, e dessa forma, ser uma mulher negra com autonomia em uma sociedade branca, ocorreu de forma tardia. Contudo percebi que tal fato, não foi uma singularidade de minha existência. Soube-me negra em meados de 2019, a partir da minha inserção na Rede Kunhã Asé de Mulheres na Ciência (RKA) e em



UESB
UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
SUDESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de
DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

decorrência do início de meus estudos sobre feminismo. Contudo, eu me encontrei imersa em uma ideologia de feminismo de uma perspectiva de mulheres brancas, assim eu sabia-me negra, contudo, sem tornar-me negra (SOUZA, 2021).

Os comportamentos que eu ainda reproduzia, apesar de mudanças estéticas já começarem a ocorrer, refletia a ideologia de uma composição do “figurino do branco” (SOUZA, 2021, p. 52) fortemente imposta pela sociedade e incorporada ao meu seio familiar. Cresci dentro de um contexto de uma família matriarcal, e apesar do machismo intrínseco, cresci com uma visão oposta à de mulheres submissas aos homens. Contudo, embora meus pais sejam negros, e a minha família paterna retinta, sempre convivi com falas depreciativas com relação às pessoas negras. Como bem pontua Beatriz Nascimento (2021), as violências sutis podem ser vistas na rua, na escola, no trabalho e até mesmo na família. Em um ambiente em que as pessoas não se reconhecem, não te reconhecem e consequentemente você não tem representatividade, sua identidade perde-se no paradigma do branco. Como Neusa Santos Souza (2021, p. 50) discute, é muito fácil o não se reconhecer ou a demora do se reconhecer em uma sociedade pautada na ideologia do embranquecimento.

A partir do entendimento do feminismo negro, eu começo a construção da minha identidade racial e passo a tornar-me negra. É um processo constante e que necessita um olhar profundo, dentro de uma perspectiva da interseccionalidade como postulada por Kimberlé Crenshaw (1991). No processo de tornar-me negra, foi necessário encarar alguns aspectos internos que Neusa Santos Souza (2021) nos traz. Foi preciso reconhecer a reprodução que eu tinha de comportamentos racistas, bem como desconstruir padrões estéticos e de sucesso – ideal do ego branco - provenientes do paradigma do branco. Por outro lado, em contrapartida, eu começo a construir a minha identidade negra positiva e me



UESB
UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
SUDESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de

DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

envolvo com aspectos sociais de luta contra o racismo, visando a promoção da igualdade racial.

Eu mulher negra, percepção e ascensão social

Nos últimos dois, três anos, em minhas conversas sobre experiências e vivências, sempre tomo consciência da minha falta de percepção ou minha alienação quanto a muitas questões sexistas, raciais e de classe (GONZALEZ; HASENBALG, 1982). Apesar de entender que não existe a inferioridade das mulheres com relação aos homens, determinados comportamentos que eu vi ou vivi nunca foram por mim questionados. A minha falta de percepção racial, me fez entender tardiamente que determinadas passagens da minha vida, foram embasadas em comportamentos racistas para comigo de mim mesma e de outras pessoas. Do meu lugar de origem, de uma família de classe média baixa, o caminho para a ascensão social que me foi direcionado foi a universidade, que hoje percebo que eu não tinha qualquer entendimento sobre o que era realmente esse espaço. Independente deste último aspecto, no que tangia a minha família, a educação era a melhor forma de conseguir se “vencer na vida”.

Aqui vou pedir licença para focar no ensino superior, porque foi esse “sonho” de muitos parentais que fez com que esse fosse o caminho indicado para muitas de suas “crias”. Mas antes, deixo um registro nesse espaço para marcar a importância dos movimentos negros na luta pela educação de pessoas negras no Brasil, o que possibilitou muitas das políticas públicas que temos atualmente, para o acesso de pessoas negras em diversos espaços e a valorização da história e cultura afro-brasileira (GONZALEZ, 2005). E dentro desses movimentos, quero salientar mulheres como Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro, feministas negras brasileiras, que deram voz as mulheres dentro desses lugares.

Historicamente, a forma como a sociedade foi estruturada — e, por



UESB
UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO SUL DA BAHIA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

consequência, como a ciência foi produzida — excluiu grupos que não se enquadravam no padrão considerado branco e superior. As características dessas estruturas foram moldadas a partir desse referencial excludente (ROSA, 2024). Dessa forma, as representações de grupos historicamente marginalizados — como mulheres, pessoas negras, indígenas, latinas, LGBTQIAPN+, pessoas com deficiência, entre outros — foram reduzidas, tornando-se minoritárias nesses espaços educativos, acadêmicos (WOLBRING, 2008; AHMED, 2012; SUBRAMANIAM, 2014). Contudo, as políticas públicas no Brasil, ampliaram a entrada de pessoas negras nas universidades, e assim, me fiz e me vi estudante de graduação do curso de Ciências Biológicas na Universidade Federal da Bahia devido às cotas sociais.

Contudo, apenas na chegada ao doutorado e quase ao final deste, com o tornar-me negra e os estudos sobre feminismo negro, foi que percebi que a forma de fazer ciência que eu aprendi, e a única que eu conhecia, vinha a partir de uma construção de conhecimento excludente e racista, que anula as formas de conhecimento não hegemônicas. Que consisti-se em uma prática epistemicida, que nas palavras de Sueli Carneiro (2023, p. 97) “Para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjulgados, o epistemicídio implica um processo de persistente produção da indigência social...” São formas de opressão, que reverberam em supressão de direitos, deslegitimação de conhecimentos, inferiorização intelectual. Ainda dentro das discussões de Carneiro, o episteminício opera como uma ferramenta tecnológica dentro do dispositivo de racialidade “e que visa o controle de mentes e de corações” (2023, p. 97). O dispositivo de racialidade que vai ser discutido por Sueli Carneiro (2023, p. 95) é o que ela caracteriza como um instrumento articulador decorrente de um contrato social, que irá determinar “tanto as funções e as atividades no sistema produtivo quanto os papéis sociais”.

Com aprofundamento no feminismo negro e resgate dos saberes ancestrais,



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de

DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

a partir da incorporação de aspectos de gênero, raça e suas interseccionalidades no pensar e fazer ciência, me encontro agora, como professora universitária, juntamente a outras mulheres na uma busca pela ampliação da diversidade em todos os espaços sociais. Consigo ocupar um cargo que poucas mulheres negras conseguiram ocupar, que me permite trabalhar e atuar próximo, tanto da juventude, quanto de pessoas mais velhas, podendo assim, dar continuidade a um processo de luta e produção epistêmica que foi semeado por pensadoras negras como Lélia Gonzalez. Gonzalez (2020, p. 133) nos convoca a aprofundar os debates sociais ao nos fazer repensar a sociedade tendo as relações étnico-raciais como eixo central. Sua proposta sobre a categoria de 'amefricanidade' constrói uma identidade comum que conecta as vivências de mulheres negras nas diásporas africanas e indígenas, valorizando epistemologias silenciadas pelo processo colonial.

Como abordado por Patricia Hill Collins (1990), a simultaneidade de múltiplas formas de opressão influencia diretamente as experiências vividas e, consequentemente, a produção de conhecimento. Nessa perspectiva, as mulheres negras — a partir de seus posicionamentos singulares, situadas à margem da sociedade, mas com uma visão de mundo capaz de questionar as narrativas dominantes, como expressa o conceito de *outsiders within* — são fundamentais para a construção e prática de epistemologias críticas. Assim como, bell hooks que nos sacode ao abordar um feminismo para todo mundo, em que a única forma de se conseguir a revolução é a partir do coletivo, pensando na equidade e na busca pela justiça social para todas as pessoas (HOOKS, 2025).

Feminismo para todas, todos e todes

Em seu livro “o feminismo é para todo mundo” bell hooks (2025) nos conta



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUL DA BAHIA



Colegiado do curso de

DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

que conhecer mulheres, que ela classifica como lésbicas poderosas, a ajudou a entender que as mulheres não precisavam de homens para alcançar bem-estar e felicidade. “Se qualquer mulher sentir que precisa de qualquer coisa além de si para legitimar e validar sua existência, ela já estará abrindo mão de seu poder de se autodefinir, de seu protagonismo” (HOOKS, p. 140). hooks traz a importância da vivência prática de mulheres lésbicas e bissexuais que desafiavam a heteronormatividade, e que dentro da construção inicial do feminismo sofriam com a homofobia. Mulheres lésbicas, bissexuais e outras orientações sexuais e identidades de gênero, que desafiam a estrutura heteronormativa e cisgênera, ainda sofrem sob as opressões e repressões decorrentes desses padrões hegemônicos. Por isso, hooks (2025, p. 36) enfatiza que a “sororidade feminista está fundamentada no comprometimento compartilhado de lutar contra a injustiça patriarcal não importa a forma que a justiça toma”. Mulheres em posição de poder, que se sustenta com base na dominação e exploração de grupos subordinados têm que estar dispostas a renunciar a esses locais.

Assim, lendo bell hooks, é impossível não pensar que eu sabia que não era heterossexual, sem saber exatamente a definição de bissexualidade, e me senti acolhida com suas palavras. Mesmo eu não sofrendo com questionamentos internos sobre a minha orientação sexual ou a identidade de gênero da pessoa pela qual eu viesse a me interessar. A liberdade de amar, sempre foi algo presente na minha forma de pensar e a forma como bell hooks entende que o amor é necessário dentro da óptica feminista é revolucionária. A proposição de feminismo de bell hooks, é um feminismo acolhedor, com propostas de discussões em diversos aspectos, que realmente contemplem o todo. O amor como agente de transformação, fora dos padrões de amor romântico patriarcal heteronormativo que se baseia na dominação e submissão. Esse amor romântico é tão dominador, que Beatriz Nascimento utiliza a condição amorosa e não a sexual para referenciar



UESB
UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
SUDESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de

DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

o estado de ser mulher e preta no Brasil. Segundo a autora, a escolha fundamenta-se "... em histórias de vida e na observação de aspectos de afetividade de mulher frente a complexidade das ligações heterossexuais (2021, p. 231). Onde temos o status dominante do elemento masculino, em detrimento do elemento feminino.

Tal modelo opressor é ainda mais incisivo quando os corpos e identidades de gênero são inconformes (SIMAKAWA, 2023). Existe a necessidade de uma maior aproximação e ação de feministas negras, e das suas epistemologias de pessoas LGBTQIAPN+. Como destaca Jaqueline Gomes de Jesus (2013) a interseccionalidade é importante para que se entenda tanto as opressões sobre as pessoas negras, quanto sobre as pessoas LGBTQIAPN+. Além disso, Jaqueline Gomes de Jesus pontua que o transfeminismo se constitui como uma linha de pensamento crítico que se origina de diferentes feminismos e que dentro do feminismo negro ele incorpora aspectos da interseccionalidade e da valorização das experiências das pessoas trans.

Conclusão

As contribuições dos estudos étnicos e raciais têm sido fundamentais para aprofundar o debate sobre os feminismos negros e as questões de sexualidade, ao evidenciar como as opressões de raça, gênero, classe e sexualidade se entrelaçam de forma indissociável. Esses estudos possibilitam a construção de epistemologias críticas que partem das vivências de mulheres negras e dissidências sexuais, historicamente marginalizadas, para questionar os modelos heteronormatividade e cisgeneridade de existência e produção de conhecimento. Ao reconhecer a centralidade das experiências corporificadas e interseccionais, os feminismos negros ampliam as possibilidades de pensar a sexualidade não apenas como prática ou identidade, mas como dimensão política que atravessa a luta por autonomia, dignidade e justiça social.



UESB
UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
SUDESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de
DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

Referências

AHMED, Sara. **On Being Included: Racism and Diversity in Institutional Life**. Duke University Press, 2012.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Trad. Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2025.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023

COLLINS, Patricia Hills. **Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment**. Routledge. 1990.

CRENSHAW, Kimberlé. **Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color**. 1991.

GONZALEZ, Lélia. **A importância do movimento negro na luta pelo direito à educação**. In: SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e (Org.). *Educação e relações raciais: contribuições para a implementação da Lei 10.639/2003*. Brasília: MEC/SECAD, 2005. p. 13-22.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero; São Paulo: Anabazys, 1982.

JESUS, Jaqueline Gomes. **Feminismo e identidade de gênero: elementos para a construção da teoria transfeminista**. Anais do Fazendo Gênero, v. 10, p. 1-10, 2013.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos**. Organização de Alex Ratts. Rio de Janeiro: Zahar, 2021

ROSA, Katemari. **Desconstruindo Normatividades: Uma Reflexão sobre conhecimentos hegemônicos e excludentes na ciência**. Revista Educação Pública, v. 3, n. 3, 2024.



UESB
UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO SUL DA BAHIA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

SIMAKAWA, Viviane Vergueiro. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade**. Salvador: Edufba, 2023.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

SUBRAMANIAM, Banu. ***Ghost Stories for Darwin: The Science of Variation and the Politics of Diversity***. University of Illinois Press, 2014.

WOLBRING, Gregor. **"Ableism and Favoritism for Abilities Governance, Ethics and Studies: New Tools for Nanoscale and Nanoscale Enabled Science and Technology Governance."** Nanotechnology Perceptions, 2008.



UESB
UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO SUL DA BAHIA



Colegiado do curso de

DANÇA

